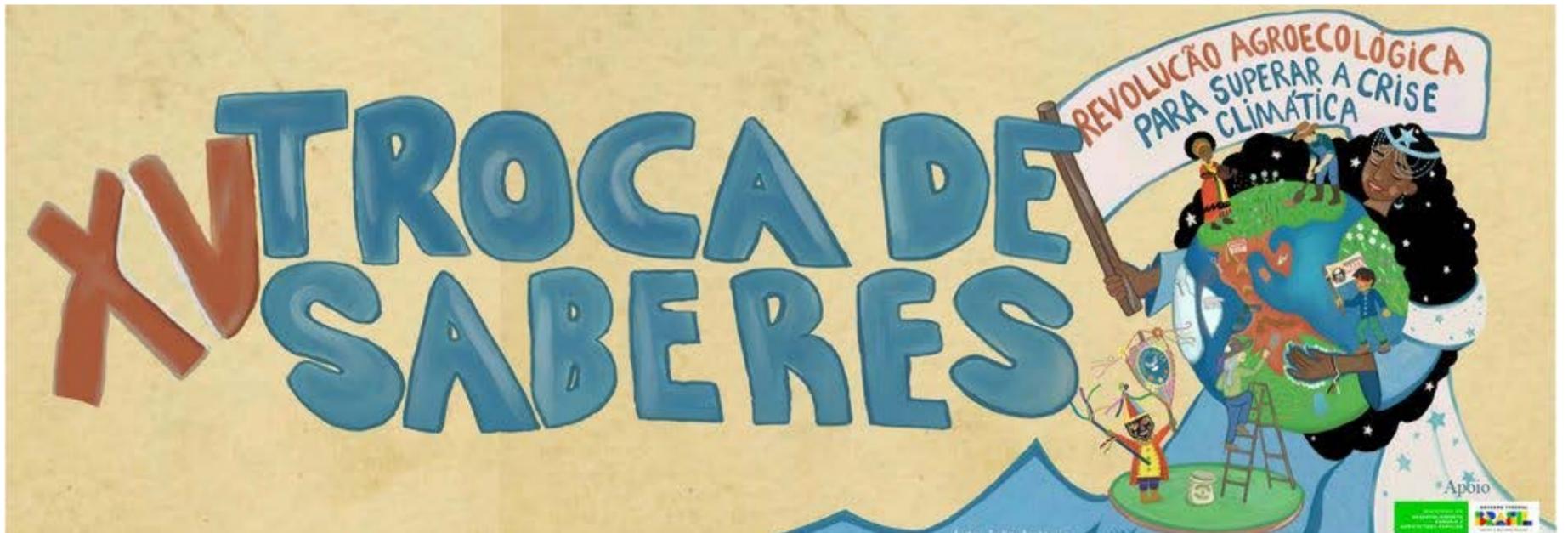


SEBASTIÃO FARINHADA E MESTRE BOI XV Troca de Saberes (UFV) VIÇOSA DE 14 A 16 SETEMBRO



O presente trabalho etnográfico é resultado da participação in loco na realização da XV Troca de Saberes, realizado na (UFV) na Universidade Federal de Viçosa, nos dias nos dias 14 a 16 de setembro, no Campus. Na ocasião foram realizados debates de vários grupos em Instalações Artísticas Pedagógicas, cujo eixo orientador foi o debate: “Por que o clima está sendo alterado? O que deve ser feito para superar a crise climática? De que formas a Agroecologia responde à crise climática?” A partir dessas reflexões, as pessoas que participam das IAPs produziram um cartaz (com frase(s) ou desenho) ou outras formas de expressão (teatro, música, palavra de ordem) a serem utilizadas no Ato público, no último dia da Troca. Então, uma instalação é um dispositivo metodológico, é uma metodologia, é um jeito que a gente usa para propiciar essa troca e essa integração de saberes. As instalações são apresentadas como uma alternativa às tradicionais aulas expositivas, criando um ambiente propício à interação e construção coletiva de conhecimento. “uma instalação é um dispositivo metodológico, é uma metodologia, é um jeito que a gente usa para propiciar essa troca e essa integração de saberes. O ambiente da instalação, rico em elementos visuais, táteis e interativos, convida os participantes a se engajarem ativamente no processo de aprendizagem. Na contemporaneidade, assim descreve Sebastião Farinhada: “E a gente sabe da resistência dos povos da terra, dos povos indígenas, em mandar os seus filhos pra faculdade; porque às vezes eles voltam depois com diploma na mão, mas ele não quer pescar o peixe, ele não quer mais comer a comida do campo, usar urucum, o remédio da planta do lugar. Eles preferem comprar na farmácia, pois acha que o remédio pra curar gripe, pra curar seu resfriado, é só o da farmácia... E as universidades precisam nos ajudar nisso, pra gente nunca precisar de adoecer, né. Porque, aprendemos com os nossos povos antepassados, que a comida, os remédios, todos são tirados da terra, da natureza, e viviam muito.

O QUE É A TROCA DE SABERES ?



A Troca de Saberes acontece anualmente desde 2009 e traz para a cena o estudo e a valorização do conhecimento empírico agroecológico vivenciado pelas diferentes comunidades tradicionais e movimentos sociais em diálogo com os educandos da UFRV, extensionistas e colaboradores, que integram o Programa Teia e a Assessoria e Observatório dos Movimentos Sociais. Define-se como ação pedagógica que busca aliar de forma sinérgica os saberes do povo e das ciências transformando conhecimento em sabedoria. Objetiva acolher e dialogar, dentro do ambiente universitário, temáticas que envolvem os grupos historicamente marginalizados. Constrói-se, assim, uma “ecologia de saberes” agroecológicos de maneira potencialmente artístico-pedagógica envolvendo diferentes autores e atores sociais que realizam e fomentam sua expressividade através da arte e da diversidade de saberes-fazeres... Desde 2009, constrói-se anualmente um espaço, melhor dizendo, uma “cidadela” contra hegemônica, que busca dar visibilidade e voz à agroecologia, no mesmo período em que acontece a Semana do Fazendeiro/Universidade Federal de Viçosa/MG, um evento dedicado ao agronegócio. Nessa cidade-aldeia eleva-se uma grande Instalação Artístico-Pedagógica com a construção de uma aldeia de bambu que se torna o não-lugar da dilatação tempo-espacial e o fio condutor que tece as conversas, danças, cantos, sons e ritmos, alimentos e os encontros. . A isso chamamos ArteEducação Agroecológica: uma cidade é criada dentro do campus universitário abrindo-se ao estranhamento próprio da arte.



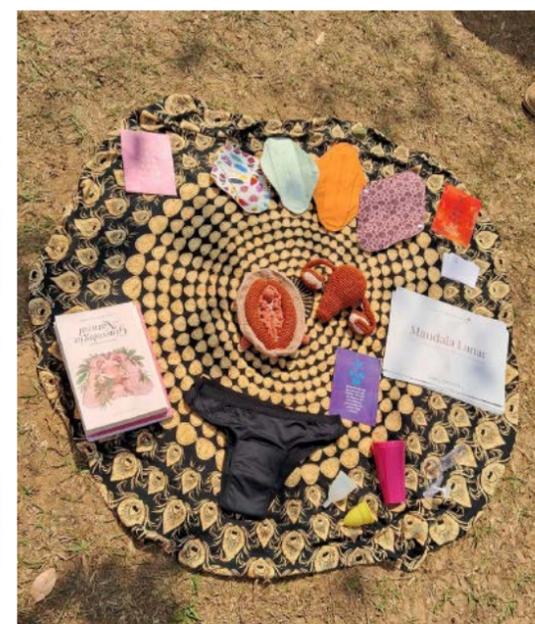
Instalado no espaço institucionalizado se ocupa com um amplo e diverso leque de sujeitos sociais do campo e das periferias urbanas, durante quatro dias. Agricultores e agricultoras familiares vinculad@s ao movimento sindical de trabalhador@s, camponeses sem-terra, comunidades de remanescentes quilombolas e ameríndios, associações de mulheres, artesãs/ãos, jovens de Escolas Família Agrícola, membros de grupos de cultura popular e moradores/as de periferias urbanas, bem como de áreas periurbanas se abrem e se encharcam da dimensão artística presente o tempo todo... Assim, a Troca de Saberes é um espaço que busca democratizar o fazer artístico produzido pelos autores sociais da universidade e os sujeitos potencializadores das referências culturais locais, uma vez que reúne a diversidade cultural e, primordialmente, orienta para a troca desses saberes. É um fazer artístico que encontra nesse ambiente de “ecologia de saberes” suas possibilidades de formação educacional, tanto pela própria presença, quanto pela prática das instalações artístico-pedagógicas.





Esta é uma maneira de horizontalizar saberes acadêmicos e populares, haja visto que no contexto tradicional extensionista universitário, estes saberes configuram-se como antagônicos e hierarquizados, onde, ao primeiro, se vincula maior importância que ao segundo... Quando entra em cena a vida... aí sim é arte! Como já foi dito, buscase que toda a construção da Troca de Saberes seja realizada a partir das dimensões estéticas e lúdicas entendendo que estas podem romper barreiras criadas pelo acesso desigual da educação convencional. Contemplam uma multiplicidade de práticas pedagógicas que preferencialmente partam dos saberes e experiências dos envolvidos e não necessariamente de um padrão hierarquizado e hegemônico, como diz um dos coordenadores históricos da Troca, Willer Barbosa: “nossa regrinha de ouro - não se fala do que se fez, ouve-se o que interpretam do feito, reage-se e assim começa um diálogo mais profícuo e menos indutor”. Além disso, promovem a inter, multi e a transdisciplinaridade, ao que podemos nomear as dimensões da educação intercultural.

Texto: Glauber Cardoso Guimarães; Caio Chaves; Henrique Geovane Macêdo Costa; Willer Araújo Barbosa.



XV TROCA DE SABERES (UFV) VIÇOSA DE 14 A 16 DE SETEMBRO



Sebastião Farinhada: Gostaria de Saudar todos os povos que estão aqui, a todos os parentes, crianças, juventude, as mulheres. Percebo aqui uma na UFV, neste espaço reservado para a realização da XV Troca de Saberes: uma força muito grande, uma energia muito boa, uma força nova que veio trazer pra gente, né? Porque é as crianças que vão dar continuidade a tudo isso que a gente está fazendo aqui. E nós lutamos, é pra que no futuro tenhamos a terra preservada. Pois, a maior herança, que nós queremos deixar pra as futuras gerações, é o território preservado, com água limpa e plantas que curam. Então: a troca de saberes que estamos realizando aqui vai provocar tudo isso na gente.

Nós Quilombolas: a gente tem esse olhar carinhoso com o território, com a terra que é a nossa mãe. Todos os povos, em todos os continentes, a terra é um pêndulo angular, é onde ele nos segura. Se tiram a terra de nós, se tiram o território: quem é você? E esse debate que a gente tem buscado fazer na cidade. Mas o que é a cidade, senão um território urbano, aonde as pessoas, de certa forma, vivem numa cultura, produzida e gerada por aquele meio que ele vive. Muitas pessoas estão na cidade, sem compreender a importância que tem a terra. Se não fosse ainda os camponeses, né, pra segurar pouquinho de mata que nós temos nas cabeceiras pra segurar a água da chuva, proteger os rios, a gente já estava vivendo uma situação ainda muito pior.

Então os povos da terra, nossos parentes: Krenak, Botocudos, Pataxós, Tupiniquins Tupinambás, Xavante, Guarani, o povo Purí. Todos esses povos, os diversos quilombos do campo e da cidade, têm papel fundamental nessa luta. E quando tudo está difícil, e encontramos dificuldades. A gente, se aproxima da nossa espiritualidade, e buscamos o contato com a nossa ancestralidade, com os nossos ancestrais, para celebrar e agradecer a vida. Aí temos a certeza, a garantia de continuar nesse lugar.



Com relação a UVF, a universidade: Olha, eu vejo que esse espaço da academia, ficamos preocupado né? Como a educação popular, os saberes populares vão aparecer dentro desse espaço tão gigantesco. A ciência não se constrói por si próprio, né?

Então, tudo isso que está aqui, foi construído às vezes por pessoas que nunca pôde sentar no banco da faculdade. Quantos pedreiros trabalharam nesse campus, né; que os seus filhos não puderam estudar nessa universidade. Por isso que a gente valoriza o saber popular, o conhecimento popular. Ontem, eu me deparei com algumas pessoas nesse diálogo: contando sobre o jeito deles plantar; as fases da lua, e aí eu fico triste que na universidade não ensina isso.

Ea gente sabe da resistência dos povos da terra, dos povos indígenas, em mandar os seus filhos pra faculdade; porque às vezes eles voltam depois com diploma na mão, mas ele não quer pescar o peixe, ele não quer mais comer a comida do campo, usar urucum, o remédio da planta do lugar. Eles preferem comprar na farmácia, pois acha que o remédio pra curar gripe, pra curar seu resfriado, é só o da farmácia. E aí a gente precisa de ter esse cuidado com o campo. E as universidades precisam nos ajudar nisso, pra gente nunca precisar de adoecer, né. Porque, aprendemos com os nossos povos antepassados, que a comida, os remédios, todos são tirados da terra, da natureza, e viviam muito. Minha avó viveu mais de cem anos, meu avô cento e oito ano.





Com relação ao negro na Política: O nosso papel é fazer o que a gente sempre fez, né? Fazer a formação popular. É através dos processos de formação, que as pessoas vão aprender e vão compreender o seu território, o seu lugar. Tem um ditado popular que é muito sério, que assim menciona: “aquele que conhece a sua verdadeira história jamais se deixa escravizar”.

E quando eu conheço a importância da minha história como homem negro, da origem da minha família, não posso votar em quem defende interesses contrários aos que defendo. Hoje os nossos territórios estão ameaçados pela mineração. Então eu não posso votar e nem recomendar voto pra vereadores que são financiados pelo agronegócio, que é apoiado pelas mineradoras. Eu não posso votar num deputado que faz leis contra o povo, contra a classe trabalhadora. Então, pra isso nós temos que fazer a conscientização política. Porque muitas das vezes os eleitores contribuem pra eleger o político ser corrupto. E porque isso acontece? Acontece por que o político chega pra pedir o voto. E aí o eleitor pergunta: o que você vai me dar? Ele já começa fazendo uma barganha no seu voto. Então, nós precisamos trazer o debate da questão política; porque o voto não tem preço; e que votar errado tem consequência. E qual a consequência: A consequência de voto vendido é estrada esburacada, os hospitais sem medicamentos. Então, estamos no momento propício, né, pra gente dar uma resposta pra aqueles candidatos que não são comprometidos com a questão do negro, da água, com a questão ambiental.

Estamos vivendo uma crise climática muito sério. E os municípios precisam de discutir a questão climática a partir do Código Ambiental. Todo o município tem as suas leis que regem município. Então nós temos que conhecer a legislação local. Eu só vou votar no vereador que não conhece a “Lei Orgânica do Município”. Então precisamos debater a questão das enchentes. E por que que dá enchentes? A enchente, sempre existiu, sempre choveu muito, e sempre chove. Antigamente, há trinta, anos atrás, a chuva começava no mês de setembro. Se fosse há trinta anos atrás, fazer essa troca de saberes agora, neste local que estamos realizando, nós íamos estar fazendo a troca de saberes debaixo de chuva. O que a sociedade e a gente fizemos? Nós mudamos as estações da chuva. vai vir muito mais forte as cada ano. Diferente do que era antes, as intervenções urbanas, pelos gestores públicos, alteraram o curso do rio e equilíbrio ecológico. Então: o que podemos fazer em nossos territórios para mitigar esse desequilíbrio? Por exemplo: Podemos em cada quilombo, aldeia ter “Uma Caixa de Contenção” para reter a água pra hora que chover a água ficará às nossas propriedades. E depois da água filtrada, reutiliza-la, levar para nossas nascentes. Então isso tem que estar na nossa agenda, isso tem que estar na nossa pauta das eleições municipais desse ano.





Mestre Boi: Olha, primeiro lugar eu quero agradecer a Deus, a Nossa Senhora do Rosário. E cada um de nós devemos fazer o mesmo né? Então, vou rezar Pai Nosso aqui, por tudo isso que está acontecendo aqui, pois se não fosse o senhor, se não fosse o Mestre, né, nós não estaríamos aqui? Quando se fala em Mestre, Mestre só existe um que é Jesus, né? Pois, nós somos simples servidor.

Vamos cantar: Senhora do Rosário, foi quem me trouxe aqui, Senhora do Rosário, foi quem me trouxe aqui, A água do mar é santa eu vi, eu vi, eu vi" Amém!

Então vou rezar o "Pai Nosso" e agradecer pela uma cirurgia que me deixou melhor. Porque estou bem aqui. Eu cheguei aqui, né, anteontem bem cedo; então eu vou rezar isso pra nós, para você que está aqui filmando, o Farinhada, né? E outros mais aí. Eu vou Pedi a Deus pra dar mais saúde ontem, e a nos que nós estamos aí. Então vamos rezar a Ave Maria:

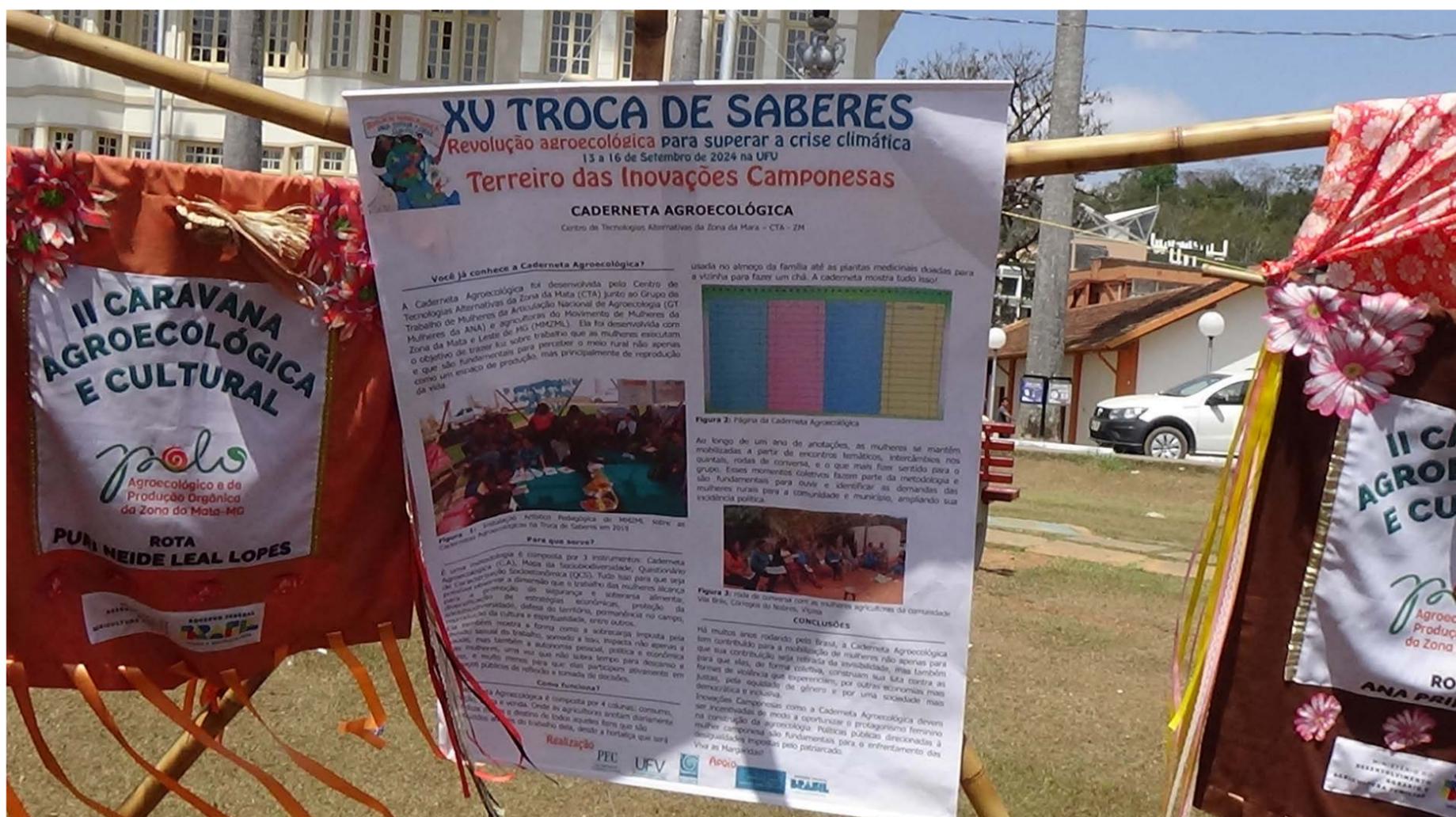
“Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós e vosso Reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje, perdoai a nossas ofensas, assim como nós perdoamos os que têm nos ofendidos, não os deixei cair em tentação, mas livraram do mal, Amém. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte, Amém”.



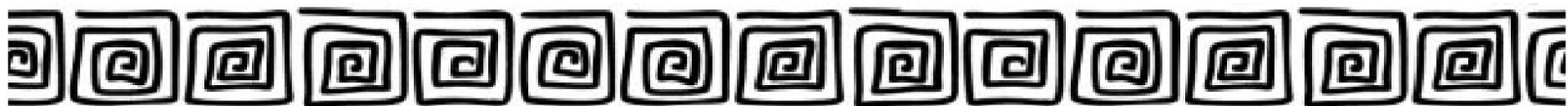
Eu, desde que cheguei aqui ontem, até agora eu não posso reclamar nada. Eu estou ouvindo algumas coisas, mas não posso reclamar nada. Eu sou analfabeto, na época deu estudar, eu fui beber cachaça né, e não pude estudar. Eu tinha que trabalhar pra comer. Meu mundo é o meu colégio, e vocês são os meus professores. Eu aprendo tanto com uma criança de dois anos, com homem de cem, a mulher de cem anos; é vivendo e aprendendo.

Ali hoje passou uma garota, uma moça, parece é que é de Simonésia, não tenho muito certeza não. Ela falou ali umas coisinhas, deixou seu recado, então ela deixou recadinho ali para as pessoas da roça, né. E eu gostei muito, e dali vou levar pra mim no meu computador mental. Mas porque eu tenho falado sobre isto: eu sou uso dos fundadores do da comunidade quilombola do Córrego do Meio em Airões, distrito de Paula Cândido, né? E quando eu falo e eu, estou me referindo a Deus né, pois se não fosse por Deus eu não tinha feito nada e nem as pessoas que estavam comigo.

E hoje, quando a gente vê garoto da comunidade quilombola, que fez a prova do Enem. E se tem lá dez fazendo a prova, e às vezes três não passou, quatro não passou, às vezes por causa de bebida, da droga. Aquele que passou ele tem que vir cá, pra ajudar o outro que não passou, né. Ele que conseguiu passar pelas políticas de ações afirmativas, deveria buscar aquele outro né, aquele doente, aquele com problema, e trazer pra aqui, pra dentro da universidade. Muitas vezes ele está recebendo a ajuda das cotas sociais, e passa perto do outro lá, viu, não dá nem bom dia, não dá nem boa tarde né? Hoje eu ainda tomo bênção da minha irmã. Eu estou com setenta e quatro anos, ela está oitenta e seis. Mas por que eu tomo bênção ainda hoje? Porque minha mãe me ensinou a tomar bênção. Antigamente os irmãos tomava bênção aos irmãos mais velhos, se fosse pra eu tomar a bênção agora não iria não, mas eu acostumei desde criança. Então, ser quilombola não é só vir pra cidade e tal.



Outro dia minha neta me pediu assim vovô: você podia comprar açaí pra mim? Eu falei: eu vou comprar açaí pra você hoje. Mas veja se você plantar o açaí pra vender. O açaí está dando muito dinheiro assim né; tem muito jeito de ganha dinheiro na roça. A moça ali falou pra agente não esquecer a canjiquinha, a comida com couve, né? Jesus falou pra nós não viver só de tradições, né? Então, se chegar lá na minha casa agora, eu não estou aguentando mais trabalhar em nada. Só se vê mato lá. Eu como fundador de comunidade quilombola eu fico até com vergonha, de chamar alguém pra plantar alguma coisa. O cara diz: eu não posso. Chamo outro: aí eu não vou. Teve uns jovens que estavam na cidade e voltaram pra roça. Onde eu moro, o Açaí nesse como mato. Teve uns jovens que resolveram sair da cidade e montar uma empresa de venda de Açaí, e estão bem. Deus tocou no coração deles. O meu desejo, eu peço a Deus, nessa nossa resenha, para tocar na cabeça desses jovens. Se não nós vamos vir pra cá para cidade, e nós vamos comer o que? Asfalto ou pó? Nós vamos comer o que? Estou falando com vocês de coração. Na época que eu era presidente da associação de moradores em Airões, fui chamado pra fazer uma reunião, na unidade quilombola. Naquela época tinham uns caras assaltando muitos produtores rural, idosos né. Chegaram a ficar quatro horas na casa de uma senhora.



Aí quando cheguei lá, na reunião eu falei: olha gente, vamos pedir os ladrões né, essas pessoas aí, pra não roubar os agricultores. Se eles querem roubar, vamos falar pra eles irem para a cidade. Pois não temos nada, e roubar agente não vamos ter nada pra comer. Então depois passado aí uns dez dias, eu estava com uma moto e parei no lugar apareceu um rapaz chegou e falou: Ei, você estava na reunião e falou é pros ladrões roubar na cidade? Eu falei: é rapaz, é isso mesmo? Eu falei lá.

Pois é nós precisamos de comida né, precisamos plantar. Hoje você chega na minha casa, até se você chegar lá você ainda acha lá uns três pés de coisa que meu avô plantou. Até hoje tem pé vem nascendo ali, agora nós não vimos o que nós vamos comer amanhã e depois? Hoje na roça o que dá é o açaí. Temos que plantar o feijão, o milho, acerola ao menos pra comer. Nós estamos perdendo muitos ovos, nós estamos morrendo gente. Aí eu falo a minha neta assim: eu não como o que você come; e você não quer comer o que eu como; porque vocês comem aí hambúrguer né? Eu não quero isso né? Cadê a broa né, cadê o cuscuz? Nossa eu tive agora na Bahia na data de São Firmino. Lá tem cuscuz, maçã, ovo e alimenta. Lá me sinto na roça como quilombola.



Quando vier aqui é pra fazer né, a comida das tradições: cadê o quiabo com o feijão, o arroz, macarrão com galinha né, ovo caipira, então eu não concordo de comer isso da cidade. Se vocês quiserem vim pra cidade, o problema é de vocês. Eu lutei, e vou continuar lutando para o nosso quilombo, para morar lá, pra entrar lá né, você pega uma banana dessa do mercado, uma laranja, é muito diferente rapaz, é muito veneno. Eu falo pra todo mundo não jogar veneno no terreiro. É deixa virar mato, é melhor nadar na poeira, morar na poeira, do que com veneno rapaz. O agronegócio está aí, está usando as pessoas simples para assinar um documento. E o que está acontecendo? Estão pedindo para assinar um documento lá, pra que se morrer, nossa família não ter direito a nada. E tem uma família que dar até pena. E ainda me perguntam se eu vou continuar no meu território, se eu vou assinar o documento das mineradoras? Eu falei assim: eu vou continuar rapaz, eu vou assinar o que? Já paguei um dobrado. Eu estou falando pra você tranquilo. Mas fiquei até com pena da família. Aí eu falei: Deus do céu, só Jesus se for procurado...



O CONGADO - MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA POPULAR

O congado é essa manifestação da nossa religiosidade popular, oriundo Congo. Por isso que a gente fala congado né; são as nossas manifestações de lorubá. E a gente tem isso no Brasil muito forte, por causa dos nossos ancestrais que foram trazido da África. Então, assim a gente tem a devoção à Nossa Senhora do Rosário, à Santa Efigênia e São Benedito. Então o congado vai ter sempre essa devoção do que nós chamamos carinhosamente de irmandades, que são formadas pela trindade de Santa Efigênia, Efigênia, Nossa Senhora do Rosário, e São Benedito. E aqui na universidade (UFV), já há alguns anos, eu e Mestre Boi. Agente praticamente veio todos os anos, e marcou presença. Agente sempre esteve presente, e sempre fizemos questão que os congados venham apresentar aqui, nesse espaço na XV Troca de Saberes. Porque muitas pessoas só vão ver essa manifestação se estiver aqui. O negro vai estar aqui cantando, vai estar aqui dançando. Apesar da mente dele estar ligado em tudo isso que está acontecendo aqui ao redor. Mas o Congado que estamos celebrando, não é pra gente se apegar a escravidão; é pra celebrar os negros livres. Os negros quando não podia se manifestar a sua fé, a sua crença que era proibido. Na Senzala ele tocava o tambor.



E aí quando ele sai na rua com a banda de Congo; que ele sai na rua com a bandeira da Nossa Senhora do Rosário, que vai à frente. Ele canta é a sua liberdade, ele canta é a sua vitória. Então aqui na universidade na Troca de Saberes, as pessoas ficam conhecendo Congado; aproveitam e já procuram o Mestre Boi, para saber o dia festa. Aí as pessoas vão lá, fazem suas promessas, e recebem graça. E depois, continuam participando, ajudando, nas tarefas, na organização da festa. Então é uma tradição que a gente tem que continuar repassando para os mais novos. É uma tradição que não pode acabar.

Porque o congado é a manifestação de fé, de resistência e de luta do nosso povo? Aonde tem o congado; você pode ter certeza que a origem daquele povo ali é de quilombo. E quilombola, é um povo de luta e de resistência.





E quando nós estamos batendo o tambor ali, nós estamos evitando fazer uma fofoca, evitando de fumar uma droga, evitando de estar fazendo confusão. Meu avô dizia: a mente vazia é a morada de Satanás. Ali é uma devoção. Eu não gosto, eu não posso falar muito, porque sou tocado por Nossa Senhora do Rosário. Eu sou tocado por ela né, entendeu? Mas ela a base de Deus, peço que interceda junto de Jesus para cada de nós, né? Então, vamos cantar: Alvorado do Congado.

**"Eu estava dormindo quando eu vi caxa batê,
Eu estava dormindo quando eu vi caxa batê,
No Congado eu nasci, no Congado eu vou morrê
No Congado eu nasci, no Congado eu vou morrê"**

Eu não sei não, mas eu prefiro morrer no congado mesmo, na mão de Deus. Amém.

A senhora do Rosário é uma história é muito grande né, pois cada um fala uma coisa, ao meu ver. Uma vez um cidadão professor me perguntou se a Nossa Senhora do Rosário era protetora do negro? Ele falou que conhecia Nossa Senhora do Rosário, como Nossa Senhora Aparecida. Aí eu falei, que não: a Nossa Senhora do Rosário é outra. Isso porque a gente já vem crescendo conhecendo a nossa mãe desde cedo, a gente já fica falando né. Por isso pedimos a Nossa Senhora do Rosário que interceda pra cada um de nós. Daqui peço a Senhora do Rosário, para que interceda Jesus para dar a nós, a paz de Deus. Para nós, Nossa Senhora do Rosário é tudo. A gente faz promessa, o menino faz promessa pra Nossa Senhora do Rosário. Então, pra mim no meu caso, eu não aguento falar muito. De maneira, que eu mexo lá dentro do coração um bocado lá; porque aí eu bebia né, um montão de troço, e ela me tirou. Eu comecei com sete anos e já estou com setenta e quatro anos curado, e lá vou embora. Vamos cantar:

**"No dia treze de maio, assembleia trabalhou
Preto velho era cativo a rainha libertou
No tempo da escravidão, era branco que mandava
Quando branco ia missa, era negro que levava
O seu padre abra a porta, deixa esse negro entrar
Quero ouvir a santa missa, pai eterno a celebrar
Amém".**

Mestre Boi: Eu não poço chorar.



Sebastião Farinhada: A Nossa Senhora do Rosário, ela tem essa presença forte no povo negro. Está numa embaixada que o Mestre Boi sempre fala né. Que ela estava na mata e apareceu. Porque os negros escravizados eram também soldados. Eram obrigados a defender a coroa, né. Então eles vão para a guerra contra os romanos. A história do cristianismo, não é Europa. O berço do cristianismo é África né? Então, onde Jesus cresceu e viveu? É no Egito. Então, aquela parte de Nazaré, faixa de Gaza, onde está sendo bombardeado hoje tudo era território africano. Então a origem de Jesus é africana, é da África. Então, nos vende uma imagem de uma Nossa Senhora, que às vezes tentam menosprezar a história do povo negro, né. Mas o Dom Geraldo Lira dizia o seguinte: "Se não fosse os negros quem ia saber quem era Nossa Senhora do Rosário"? Então os negros eles vão pra guerra e pede pra Nossa Senhora do Rosário a sua intercessão, porque eles não queriam morrer na guerra. E aí acontece então que ela se torna patrona. E assim, no congado: os marujos tem a devoção à Nossa Senhora do Rosário; por sentirem esse desejo dela interceder pelas vidas né; então, ela se torna a madrinha desse povo.

Mestre Boi: O coronel né, tinha muito escravo lá na fazenda; aí o negro cantava: A Nossa Senhora do Rosário, lá na mata apareceu... né. Ai, o coronel fez lá uma capelinha, arrumou uma santa e botou lá. E quando foi no outro dia, a santa não amanheceu lá não. E aí, um negro falou que a santa estava lá no mato. Ai, o coronel falou: que negócio é esse: quem levou essa santa pra lá? Aí juntou ali um bocado de negro, e trouxeram a santa novamente. E a partir desse dia, ela não voltou novamente.

RESSURGÊNCIA PURI



Sebastião Farinhada: Hoje a gente teve o prazer em grupo (IAP) Instalação Artísticos Pedagógico, de organizar uma fala com os movimentos do campo, com o Assentamento do MST, o Fórum de Entidades Negras, A Rede de Movimento das comunidades quilombolas, Sapoqui, composta por diversos grupos e instituições, e com a presença do William Puri, lá da Comunidade do Brigadeiro.

Que que nós tiramos de importante nessa nossa conversa? Que nós vamos, dentro desses espaços dos movimentos, nós saímos ali com o encaminhamento que foi anunciado na grande tenda, e nós vamos criar uma escola, pra que permite o nosso povo a nos conhecer, né? Por que que eu falei isso? Porque no assentamento, ténis Gonçalves, tem uma árvore Sapucaia, né, que deve ter uns trezentos anos. E nós a identificamos como árvore Puri.

o povo do assentamento, está lá a resistindo, que conquistaram a terra, não sabe disso. E nós não vamos encontrar nossa história nos livros didáticos. E isso é bem ao contrário do que nós queremos para os nossos filhos e para as futuras gerações né? E aí nós transformamos todo esse nosso espaço da Troca de Saberes, em uma grande aula aberta, que permite a gente saber do acúmulo de experiências, como: saber o que é um ouriço, que é copo, caneca, sabão, pente do macaco né? Pente do muriqui, né? Você acha que os bichos na floresta também não se penteiam? Então, aqui está a nossa riqueza, aqui está a nossa força, aqui está a nossa sabedoria. O nosso povo foi arrancado de vários lugares.

Eu estive num pedacinho né, eu tive lá na Tanzânia na ilha de Zanzibar. A Tanzânia foi é onde a ciência afirma ter encontrado o primeiro homo sapiens. E isso é interessante porque os nossos povos, eles conheciam as plantas africanas, eles não iam encontrar aqui o Baobá. Mas encontrou o Molungú os povos Puri, usavam. Então o povo negro adotou o Mulungú, como a sua árvore do conhecimento, da sabedoria. Nós estamos aqui tratando da nossa medicina popular. Essa planta ela trata da ansiedade e a depressão. Olha, nós aprendemos com os povos que estavam aqui.





A região de Muriaé, a gente já identificou, cinco grandes grutas de pedras, que eu falei pra algumas pessoas né, que são das áreas de solos, e eles não acreditaram que tem essas peças, que tem essas dúvidas. Uma delas hoje está sendo ocupada assim né pela, pela igreja, que se tornou santuário. E quando acontece os eventos lá, ano passado a gente fez uma romaria da terra lá nessa pedra. Nessa romaria a gente era mais ou menos duas mil pessoas. E todo mundo achou que não cabia, essa quantidade de pessoas e sobrou lugar. E já teve outras festas, outros encontros, de chegar a cinco mil pessoas. E todo mundo se acomodou ali. São várias pedras que tem. E elas sempre existiram ali. Por que que o povo não descobriu isso antes? Por que que não acharam antes? Por que que tem que ser tudo agora? Porque é o nosso momento. É o nosso momento, de reencontrar e nos conectar com a nossa com a nossa verdadeira história.

Tentaram de todo jeito nos exterminar né? E aonde é a fazenda hoje ocupada pelo MST, a fazenda em Goianá, foi a maior fortaleza né à toa que ela chama Fortaleza, de Santa de Santa Ana. Uma das maiores fazenda que tinham quatrocentos e cinquenta pessoas escravizados; quatrocentos e cinquenta homens escravizados. E dentro dessa fazenda, tem hospital. E aí eu perguntei pro pessoal assim: mas esse hospital aqui? Me disseram que os negros também recebiam os cuidados. Eu falei não: Se uma cobra morde o negro lá no mato, quem se virava para curar era benzedeira era o curandeiro, o curador. Então, foi o feitiço que nos trouxe até aqui. E por isso somos gratos e devemos ser grato às feitiçadeiras, as mandingueiras.





Com a ponta de uma flecha dessa trabalhada, com as ervas defensivas. Com a planta que o povo fala que é venenosa, agente se protegia. A ponta de uma flecha dessa trabalhada, com esses defensivos que a própria natureza tem e nos oferece, ela é capaz né, de aniquilar, deixar no lugar, qualquer que seja espécie sem dar um passo. Isso o nosso povo sabe. Nós não somos derrotados nunca, nunca nos derrotaram, pois, nós estamos aqui. Nós estamos aqui.

Dua Puri: Tem uma fala emblemática que você fala desse momento forte né? Nós aprendemos a fazer. E se precisar fazer também. Ai como é que é?

Sebastião Farinhada: Eu sei fazer. E se for preciso, para nossa defesa usar do feitiço da planta eu sei. Eu sei como envenenar. E se for preciso, nós vamos ter que fazer, e vai ser a nossa defesa. Sinceramente, com o Bolsonaro eu achei que a gente ia ter de usar. Mas aí a gente foi buscando outras alternativas; fomos ouvindo as pessoas, os nossos ancestrais. Aí eles foram nos aconselhando... Nós somos o povo de paz... O que nós queremos em nosso território e a paz. Deixar para as futuras gerações a sabedoria adquirida desse conhecimento.



Eu vou te passar aqui, um material com os dez anos de luta do MRP. O Farinhada é um cantor o nosso repórter, ouvindo que fica sabendo das notícias onde é que tem fulano, beltrano, o Puri ali o outro aqui. Então o Farinhada tem sido essa pessoa, E isso que farinhada nos relatou, tem que ser ponto de pauta pra nossas pesquisas de campo pra gente ir buscar. Quando estamos buscando nossa forma de ser: o nosso dialogo começa em perguntar a nossa avó, parentes sobre o território de nossos ancestrais e fazer o mapeamento do território Puri, né? Então, Sebastião Farinhada, estamos comemorando aqui na XV troca de Saberes: dez anos do nascimento da Ressurgência Puri.

Sebastião Farinhada: Essa sapucaia que vocês estão vendo aqui. Quando ela é madura, ela cai, ela não fica no tronco. A farinha do jatobá é muito boa. E aí, quando ela cai do tronco da árvore. Ela faz um dos maiores mistérios que a natureza nos ensina: que é espalhar as sementes. O jatobá, quando ele cai no chão, ele cai seco, ele arreventa a semente. E depois ele vai brotando na terra. Então: a natureza nos ensina todas as técnicas de resistência. Por isso que a gente, renasce, nasce e renasce, aqui e ali, porque nós sempre existimos e sempre vamos existir.

A SENHORA DO ROSÁRIO LÁ NA MATA APARECEU



Deu no dia, deu no ano, deu na hora e nasceu. [A senhora do Rosario](#) lá na Mata apareceu. Dos palmitos nasceu as palmas, das palmas nasceu os palmitos. Aqui está nossa senhora, e também São Benedito. Lá do céu desceu anjo mandado de Santa Helena. Do lado São Benedito do lado Santa Efigênia. Ô virgem do Rosário, nós viemos te buscar. Trouxemos vosso trono para vos depositar. E trouxemos vosso incenso, para o seu trono incensar. Nossa Senhora no meio de Jesus Cristo. Nossa Senhora no meio e Jesus Cristo no altar. Benze o vinho, benze a água, na hora de consagrar. Pai, de Filho, Espírito Santo, na hora de Deus, amém. Vamos levar a Virgem Pura para a cabela de Belém. Deu no dia, deu no ano, deu na hora. Colocada num presépio, os tios vieram adorar. Haverá uma missa a capela e uma comunhão a gerar. Até os pastos choram de ver os pobres tios naquele grande sofrimento. As almas santas benditas estavam cantando de alegria por ver os anjos dos seus rezar o rosário de Maria. As estrelas do Oriente ficaram naquela confusão, não sabiam se iam para Belém ou se seguiam o Rio Jordão. Esperando a Estrela Dalva só pra dar a direção, chegando a Estrela Dalva com os três rosários sagrados. Siga para o soturno para visitar o reprovado. No dia desse festejo foi um dia de muita alegria, foi que nós recebemos a liberdade em louvor de Maria. Chegando à rainha Isabel com a carta e a folia. Esses meninos são do alto das oliveiras; aqui estão os três vassallos, a defesa da bandeira.

Mestre Boi

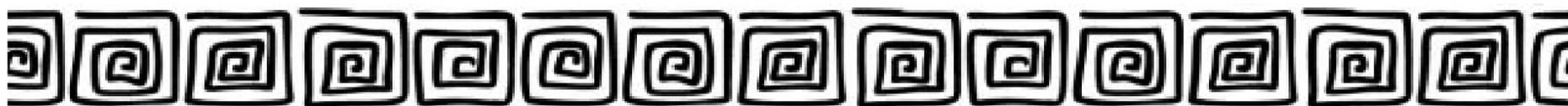
Sebastião Augusto Estevão (Farinhada): Educador Popular - Coordenador geral do CTA-ZM.

Antônio Mathias Celestino (Mestre Boi): Congadeiro - Educador Popular

Reinaldo de Jesus Cunha - Mestrando Antropologia Social - Museu Nacional UFRJ

Marcelly Cristina - Formanda Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAs) em MG

Dauá Puri - Educador Popular - Líder do MPI - Licenciatura em Educação do Campo



O presente trabalho etnográfico é resultado da participação in loco na realização da XV Troca de Saberes, realizado na (UFV) na Universidade Federal de Viçosa, nos dias nos dias 14 a 16 de setembro, no Campus. Na ocasião foram realizados debates de vários grupos em Instalações Artísticas Pedagógicas, cujo eixo orientador foi o debate: “Por que o clima está sendo alterado? O que deve ser feito para superar a crise climática? De que formas a Agroecologia responde à crise climática?” A partir dessas reflexões, as pessoas que participam das IAPs produziram um cartaz (com frase(s) ou desenho) ou outras formas de expressão (teatro, música, palavra de ordem) a serem utilizadas no Ato público, no último dia da Troca. Então, uma instalação é uma, é dispositivo metodológico, é uma metodologia, é um jeito que a gente usa para propiciar essa troca e essa integração de saberes. As instalações são apresentadas como uma alternativa às tradicionais aulas expositivas, criando um ambiente propício à interação e construção coletiva de conhecimento. “uma instalação é uma, é dispositivo metodológico, é uma metodologia, é jeito que a gente usa para propiciar essa troca e essa integração de saberes. O ambiente da instalação, rico em elementos visuais, táteis e interativos, convida os participantes a se engajarem ativamente no processo de aprendizagem. As instalações se mostram como uma ferramenta pedagógica valiosa, capaz de romper com o modelo tradicional de ensino e promover uma aprendizagem mais engajadora, interativa e significativa. Na ocasião: dentro muitos eixos temáticos, priorizamos neste trabalho, um diálogo ancestral com Mestre Boi e Farinhada, sobre a Senhora do Rosário e o Congado, raiz da cosmogonia africana. Farinhada, (negro Puri) e Daua Puri, dialogam sobre a aliança dos negros com os indígenas em MG, desde os primórdios da colonização. Quando o Negro foi pra Mata, lá encontrou o povo Puri. A partir dessa aliança: A Troca de Sementes, a Cura através da Reza: A Cura pelo saber ancestral: foi o que fez se manterem vivos. Na contemporaneidade, assim descreve Sebastião Farinhada: “E a gente sabe da resistência dos povos da terra, dos povos indígenas, em mandar os seus filhos pra faculdade; porque às vezes eles voltam depois com diploma na mão, mas ele não quer pescar o peixe, ele não quer mais comer a comida do campo, usar urucum, o remédio da planta do lugar. Eles preferem comprar na farmácia, pois acha que o remédio pra curar gripe, pra curar seu resfriado, é só o da farmácia... E as universidades precisam nos ajudar nisso, pra gente nunca precisar de adoecer, né. Porque, aprendemos com os nossos povos antepassados, que a comida, os remédios, todos são tirados da terra, da natureza, e viviam muito. Minha avó viveu mais de cem anos, meu avô cento e oito anos”. A Troca de Saberes: “objetiva acolher e dialogar, dentro do ambiente universitário, temáticas que envolvem os grupos historicamente marginalizados”.



Diálogo Ancestral e Resistência: O evento proporcionou um diálogo ancestral com Mestre Boi e Farinhada, representantes da cultura do Congado e da Senhora do Rosário, expressões da cosmogonia africana enraizada em Minas Gerais. O relato destaca a aliança histórica entre negros e indígenas, evidenciada na troca de sementes, saberes de cura e resistência cultural. Sebastião Farinhada ressalta a importância de valorizar o conhecimento ancestral em contraponto à medicalização e à perda da conexão com a terra: “E a gente sabe da resistência dos povos da terra, dos povos indígenas, em mandar os seus filhos pra faculdade; porque às vezes eles voltam depois com diploma na mão, mas ele não quer pescar o peixe, ele não quer mais comer a comida do campo, usar urucum, o remédio da planta do lugar. Eles preferem comprar na farmácia, pois acha que o remédio pra curar gripe, pra curar seu resfriado, é só o da farmácia... E as universidades precisam nos ajudar nisso, pra gente nunca precisar de adoecer, né. Porque, aprendemos com os nossos povos antepassados, que a comida, os remédios, todos são tirados da terra, da natureza, e viviam muito. Minha avó viveu mais de cem anos, meu avô cento e oito anos”.